

MENINOS E MENINAS DO MUNDO / 1

Prisca, da Costa do Marfim



Prisca, da Costa do Marfim

© Junta Nacional de Jardines Infantiles (JUNJI)



Pesquisa e textos de Marcelo Mendoza

Fotografias de Álvaro Hoppe y Thibaut Monnier

Edição de Marcelo Mendoza

Design e diagramação de Fernando Hermosilla y Macarena Balcells

Ilustração de Patricio Roco

Versão original Prisca, de Costa de Marfil

Tradução de Marianna Prado (Cartera Comunicaciones)

Edição digital Dezembro 2021

Registro de Propiedad Intelectual Nº 282.210

ISBN: 978-956-8347-97-0

Este livro foi feito com a colaboração da Fundação Bernard van Leer e TRECC.

© Junta Nacional de Jardines Infantiles

Morandé 226

Santiago de Chile

www.junji.cl

Nenhuma parte desta publicação, incluindo o desenho da capa, pode ser reproduzida, transmitida ou armazenada, seja por meios químicos, eletrônicos ou mecânicos, incluída a fotocópia, sem permissão prévia e por escrito da Junta Nacional de Jardines Infantiles.

Mendoza, Marcelo

Prisca, da Costa do Marfim [texto impresso] / Marcelo Mendoza.— 1ª ed. — Santiago: Junta Nacional de Jardines Infantiles, 2017.

92 p.: 21x15 cm. (Coleção Meninos e Meninas do Mundo)

ISBN : 978-956-8347-97-0

I. Contos infantis I. Título. II. Serie. III. JUNJI.

Dewey : Ch863 -- cdd 21

Cutter : M539p



Fonte: Agencia Catalográfica Chilena

Prisca, da Costa do Marfim

Textos de Marcelo Mendoza
Fotos de Álvaro Hoppe y Thibaut Monnier



África



Costa
do Marfim



Gohou-Zagna

Man





Vivemos um processo de mudança de época para dar o grande salto para uma sociedade mais justa, onde as diversas culturas se encontram e são respeitadas.

Por sua relevância, as instituições de ensino devem avançar nesse desafio e permitir espaços para que essas vozes rompam as barreiras que nos afastam da nossa própria identidade e do conhecimento que se constrói a partir do dia a dia. Por isso, este governo promulga a lei que cria “um novo sistema de ensino público, que estabelece que meninos, meninas, jovens e adultos, de cada uma das localidades do território nacional se vão educar em ambientes de aprendizagem, que promovam o seu desenvolvimento como povo integral e sujeitos do direito do país com o qual todos sonhamos”.

A JUNJI vem registrando em livros a realidade em que meninos e meninas vivem em diferentes cantos do Chile, onde expressam seus sentimentos,

costumes, brincadeiras e cultura. Conhecer o mundo, pelas próprias crianças, é uma fonte inesgotável de inspiração para fazer uma educação com um sentido social e humano.

Hoje estamos dando um novo passo, que nos permitiu entrar em um mundo além do nosso país. Prisca, uma menina da Costa do Marfim, na África, nos mostra seus dias da maneira mais genuína seu dia a dia, a sua família, comunidade, rituais, brincadeiras e a riqueza da sua cultura, onde se abre para nós a maravilhosa oportunidade de encontrar a igualdade entre o aparente e o grande diferencial. A edição deste livro, distribuída em nossos jardins de infância, abre novos horizontes de aprendizado, respeito e melhor convivência entre as pessoas.

Desiré López de Maturana Luna
Vice-presidenta Executiva
Junta Nacional de Jardins de Infância (JUNJI)



Prisca, através da sua história, família, amigos e arredores, nos imerge no cotidiano de uma comunidade produtora de cacau na Costa do Marfim. Uma vida de contrastes marcantes: pobreza material juntamente com riqueza cultural; tradições ancestrais com sonhos e vestígios de modernidade; generosidade e criatividade diante da precariedade.

Com o nosso programa “Transformando a Educação na Comunidade do Cacau” (TREC C), estamos trabalhando para melhorar as oportunidades educacionais para Prisca e 200.000 outras crianças na Costa do Marfim.

Apoiamos a qualidade do ensino, em parceria com a indústria do cacau, chocolate e o governo. Fundação Bernard van Leer (parceiro estratégico TREC C) apoia esta iniciativa tanto financeiramente quanto com sua expertise.

No nosso objetivo é fortalecer as políticas públicas em prol da primeira infância, educação e qualificação profissional,

aumentando a qualidade da educação nas estratégias de sustentabilidade.

Queremos melhorar as condições da população rural, atuando desde o berço para oferecer às crianças uma vida mais plena e com oportunidades educacionais, pois os primeiros anos são fundamentais para o seu futuro como adultos.

Estamos como vídeos com o interesse demonstrado pelas crianças das comunidades cacauceiras da África Ocidental pela JUNJI no Chile e pelos editores deste livro, que será distribuído (além da Costa do Marfim) em jardins públicos chilenos.

Esta iniciativa dá às crianças e famílias a oportunidade de ilustrar a vida em suas comunidades e criar livros educacionais memoráveis. Que seja o começo de muitos.

Sabina Vignani
Diretora TREC C

Abidjã, novembro de 2017





Prisca e sua prima Febe são inseparáveis. Elas dão as mãos, riem e percorrem a plantação de cacau da família, para ajudarem seus pais e irmãos no cultivo.

Elas fazem parte da comunidade Gohouo-Zagna, no oeste da Costa do Marfim. Lá vivem mais de 17 mil habitantes, a maioria da etnia *Guéré*, mas também há nativos *Baoulé* e *Dioula* e estrangeiros vindos dos países fronteiriços Burkina Faso, Mali e Guiné.



-Eu gosto de desenhar-diz Prisca-. Todo mundo gosta: não importa onde –e ela se lança com Phoebe e seu pai para desenhar linhas e curvas com lápis de cor em folhas e cacau, em um grande livro que lhe deram, porque nas casas de sua tribo dificilmente há quaisquer livros...

Prisca tem 5 anos e vai ao primeiro ano do liceu de Gohouo-Zagna. Seu pai é Yehe Gninhin Roger (52) e ele ensina a ler. A mãe se chama Djeau Sieh Elyse (42).

Sua comunidade fica na região de Guémon, na área das 18 montanhas, no distrito de Bangolo: 12 quilômetros de Bangorou e 67 de Man, a grande cidade do oeste do país. Longe de Abidjan, a maior e mais importante cidade da Costa do Marfim: a 9 horas de distância.



-Eu quero ser obstetra -exclama Prisca-. E depois trabalhar para comprar uma casa para a mamãe e um carro para o papai. E que meu irmão viaje para estudar. Eu sou a mais nova de seis irmãos: E a única mulher! Só minha mãe não sabe ler, mas quer aprender!

Muitos na comunidade não sabem ler e escrever, especialmente as mulheres. Mas nas novas gerações as diferenças entre grupos étnicos e gênero estão desaparecendo. Prisca é um exemplo.

Seus irmãos ajudam a cultivar não só cacau, mas também banana, mandioca, café, manga, abacate e aipim. O mais velho é Amos Rodolphe e está terminando seu bacharelado em Bangalo. O segundo, Romaric, quer ser gendarme. Os outros são Armand, Ridrigue e Fabrice. Seu avô é Yehe Francôis.



Costa do Marfim é um lindo país tipicamente africano: fica na África Ocidental, no Golfo da Guiné. É o principal produtor mundial de cacau (40% do total), apesar de só ter sido introduzido na década de 1960. Existem também grandes safras de café, banana, mandioca e cola, aquela usada nos refrigerantes. Mas é o cacau que dá mais trabalho para o povo: é a matéria-prima para a fabricação global de chocolate.

O estranho é que nem Prisca, nem Febe, nem qualquer criança da comunidade jamais comeram o que chamam de chocolate.



-Nós plantamos o cacau e o cultivamos—explica Papa Roger. Tiramos as sementes, deixamos secar ao sol e colocamos em sacos. Os compradores chegam e os levam para os armazéns em Abidjan e de lá vão para a Europa e os Estados Unidos.

Milhares de toneladas de sacas de grãos de cacau embarcam na Costa do Marfim para produzir chocolate em suas fábricas de origem. Chocolate é desejado em todo o mundo...





O cacau é uma árvore pequena que dá frutos aos 5 ou 6 anos de vida. Depois de um ano e meio elas começam a produzir. Um hectare pode render 300 quilos, em duas safras anuais. Com as variedades enriquecidas, podem chegar a uma tonelada.

É a principal fonte de renda da Costa do Marfim. Quase todos os produtores são pequenos agricultores que vivem em comunidade, como a família de Prisca. Eles são os donos da terra e das árvores. O pagamento por sacos é muito baixo. No entanto, eles chamam o cacau de “ouro negro”.



No país de Prisca as pessoas são alegres e coloridas. É chamada de Costa do Marfim porque na colonização francesa (os primeiros missionários chegaram em 1637) elefantes eram caçados para traficar suas presas de marfim, despachá-las e vendê-las a preços elevados na Europa.

—Agora os elefantes restantes estão protegidos em reservas naturais — diz Roger—. Embora ainda existam caçadores clandestinos.

Como aconteceu em outros países da África, a Costa do Marfim sofreu com a exploração humana e ambiental pelos colonizadores. Só em 1960 é que se tornou independente. Em 20 anos, graças ao café e ao cacau, houve um grande desenvolvimento: “o milagre africano”. Mas os preços caíram e a disputa por terras levou a uma guerra civil com muitas mortes. Na zona do cacau há vestígios do conflito.





-Uma vez fomos conhecer as Cachoeiras e também ficamos brincando com os macacos –disse Prisca, muito contente.

As lindas cachoeiras ficam perto de Man, a principal cidade da região do cacau, na parte mais montanhosa e verde do país.



Cascades

NATURELLES
DE MAN

Bienvenue







-Somos dez irmãos, de três mães diferentes, porque meu pai tem três esposas: é muçulmano –disse Kei Madoché.

Kei Madoché (seu nome significa *Gue meiro do Futuro*) tem a mesma idade de Prisca. É seu vizinho. O nome de seu pai é Doué Kémonsia Urban, 30 anos. Sua mãe, Tia Alice, 25.

-Meus dias são assim: Acordo às 6h30, me lavo e fico ao lado do braseiro para me aquecer, tomar café e jogar futebol com meus amigos –conta Kei Madoché–. Eu não vou para a escola ainda, e ajudo minha mãe a limpar a casa e cozinhar.

Quando crescer, quero ser futebolista e se tornar como seu ídolo Didier Drogba, um artilheiro histórico da seleção marfinense que conquistou a Liga dos Campeões com o Chelsea, do Reino Unido.

–Meu sonho é que Kei Madoché vá para a Europa ou América do Norte –diz o pai–. E se ele ficar na Costa do Marfim, que seja chefe de polícia.



-Quando brinco, me esqueço de almoçar—Kei Madoché diz rindo—. Mas o que mais gosto é de comer o molho kplé com arroz. Na TV, assisto a filmes de caratê. Dos outros brinquedos, sou fascinado por uma caixa única: este brinquedo que o meu irmão mais velho inventou para mim. Eu gosto porque é divertido. É usado para esticar a areia. Ah: meus melhores amigos são Angele e Eric.

Às tardes, ele ajuda a seus pais no cultivo de bananas e mandioca. Também coleta cacau.

Em Gohouo-Zagna, tanto as crianças quanto os adultos possuem poucos bens. Cada brinquedo pode ser um bem único. Construir seus próprios brinquedos os torna muito criativos.



Prisca sabe que é um dia especial: o mais sábio da comunidade, chamado *Le Rouade Jean*, fez 100 anos. Em sua homenagem, as *máscaras* aparecem para festejar. É o encarregado de manter a memória, transmitir tradições e comunicar a boa vida de seus ancestrais.

As *máscaras* são os personagens mágicos que vêm dar notícias. Eles não são humanos, mas deuses. *Nemeyoué* é uma *máscara* que dança alegre: representa a infância e a juventude. Todo mundo comemora. Dança de crianças e jovens. Eles seguem. Cantam.

Também há *máscaras* cômicas: *Zone min* e *Peroquet de Zagna*. Fazem rir. Outras bailam com movimentos acrobáticos: *Zadjé* e *Dibahau*. Para que as *máscaras* saiam, lhes oferece vinho e dinheiro. Todos ficam surpresos. Então as máscaras vão por onde vieram.



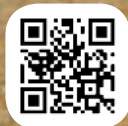




Na Costa do Marfim a terra é vermelha. E os
entardece e res também.

Oceana tem 5 anos. Ele mora perto de Prisca e KeiMadoché.
Ela é irmã de Jasmine (13) e Syntiche (1). Brinca com a boneca
loira e com as amigas Melissa e Séfora, “cozinham” debaixo
de uma mangueira que lhes dá sombra. Elas colocam terra
vermelha nos pratos, fingindo que é um prato requintado.
Oceana coloca “peixe” na sopa.

Outros meninos se divertem com a brincadeira típica daqui: o
agualé. Se compete em duplas.











Prisca sabe que na África as mulheres levam cargas sobre suas cabeças. As vezes também os meninos. Isso se vê muito nas cidades e nas estradas.

–Antes só os homens cuidavam do campo e as mulheres da casa e das cargas –explica a mãe–. Mas agora as mulheres e crianças também ajudam na colheita. E nós descascamos o arroz.



TSP



01 BP 832 OUAGADOUGOU
70 25 31 38 50 34 25
tsr.transport@yahoo.fr

779

Em Gohouo-Zagna se professam diferentes crenças: animistas, evangélicos, católicos e muçulmanos. Não há brigas.

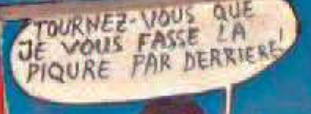
Animista é a religião africana. Eles adoram vários deuses: as *máscaras*. Ninguém está autorizado a falar com eles. Apenas um mediador: Gnion. Leon é o chefe da aldeia. Ele foi escolhido para o resto da vida e pode se comunicar com as *máscaras*. Ele resolve conflitos comunitários em relação à terra, convivência social e casais. Existe apenas a tradição oral. Não há papéis.

–Não posso pertencer a um partido político e devo ter tolerância religiosa. Meu papel é unir as pessoas e ser justo –diz o chefe Leon–. Se meu próprio filho comete faltas, devo fazer justiça, inclusive condenando-o.



-Meu pai é meu professor—Prisca diz feliz—. Me ensina a ler, mas não só para mim: também para meus colegas e amigos. Então ele fez um grande quadro negro e comprou giz para nos ensinar

Ele faz isso nas tardes de domingo, segunda, terça, quinta e sexta-feira, depois que Papai Rogê volta da plantação de cacau.



Os mais velhos têm a missão de contar a história do povo, para que os meninos a sigam. Como não se usam os “anos”, não se pode saber que tão antiga é a origem.

–A tribo estava em outro lugar–disse o chefe Leon–. Mas houve uma guerra. Fugindo, nosso sancestrais caminham muitos quilômetros em busca de uma terra melhor. Eles eram liderados por *Nizonhi*, um caçador de elefantes e javalis. Ele chegou e disse: aqui vamos ficar. Ele voltou para o lugar de onde vieram seus pais: Doguó. A primeira a chegar aqui foi a família Goody. Muito tempo atrás. Então veio a família Zoneddy. A terceira família era o Gunhigolo. E a quarta, o Zroho. A cultura principal está representada na figura da **Gla**: uma *máscara* que tem a função de acabar com os conflitos.



MA
MME GNAHE HERMANN
Scanner crâne encéphalique

-É um pouco raro comer chocolate. Eu só uma vez comi: é muito doce, gostoso, mas as crianças não sabem –disse Roger.

Na época da colheita do cacau, as famílias se ajudam: a reciprocidade da troca. É a principal atividade de subsistência: permite-lhes melhorar a sua qualidade de vida.

O fruto do cacau é amarelo e elíptico, como a Via Láctea, cujas vagens brancas escondem a saborosa semente que será a base do chocolate.

800 mil pequenos proprietários da Costa do Marfim são os principais produtores de cacau do mundo.



BANGO

-Minha mãe Elyse me lava -disse Prisca-. E meus irmãos me levam à escola. Ao meio dia me trazem para casa almoçar e depois me levam para a escola de volta até à tarde, de segunda a sexta. Somos 60 crianças no curso.

Roger se levanta todos os dias entre 5 e 6 da manhã. Ele se limpa. Café da manhã com a família: arroz e pão. Não tem café, nem chá, nem leite... muito menos cacau. Às vezes sobra comida do dia anterior: banana.

Roger e Elyse trabalham de segunda a sábado na fazenda, a poucos quilômetros da aldeia. Eles voltam às 6 da tarde. Os quatro irmãos homens cuidam de Prisca. No domingo vão à igreja da Restauração. São evangélicos.



Tuba está a uma hora de Gohouo-Zagna.

Lá moram os *Dan*. É uma tribo ancestral, com meninos e meninas como Prisca, KeiMadoché e Oceana. Em uma cabana, o Conselho da Tribo se reúne. Kané, o patrão, fala em sua língua para nós, se us convidados:

–As *máscaras* querem cumprimentá-los porque são bem-vindos
–disse o chefe Kané– Quando os antigos chegaram procuravam água em vasilhas. Para descansar na sombra, plantamos aquelas árvores –o mostra: estão cheias de pássaros–. Elas fazem parte da história: são chamados *Zonhun*. O *Bouni* (panela) é nosso símbolo; tudo é feito nele: nós nos limpamos, buscamos água, comemos. Há uma cerca de peles de animais selvagens lá e apenas os mais velhos podem entrar. Antes da chegada dos brancos, não havia cadeiras: os brancos trouxeram junto com tudo o que não é natural, como o plástico.



–As crianças são mais importantes que nós, os velhos
–disse o chefe Kané–. Se depois saem a outros mundos,
regressarão para nos apoiar.

Em Toba não sabem exatamente quantos são, mas a maioria
são crianças. Existem oito grupos familiares e falam a mesma
língua: *dan menou*. Todas as cabanas são iguais, pequenas, e
acomodam de 5 a 10 pessoas. Quando as crianças crescem,
elas constroem sua própria cabana.

Antes as crianças iam para o campo trabalhar, mas agora vão
para uma escola construída graças à cooperação internacional.





-Os antigos chegaram aqui porque haviam pequenas guerras em seu lugar de origem. Encontraram estas terras e ficaram. Eram meus antepassados –disse o chefe Kané.

As cabanas são de barro, circulares, com cobertura de junco, com entrada e saída, sem janelas, para se protegerem do calor tropical. As crianças vivem nelas com os pais.

Como em Gohouo-Zagna, eles têm muito poucas coisas: um braseiro para cozinhar, uma panela, alguns pratos de barro, um piso de madeira e dois cobertores para dormir.

Touba está perto de Burkina Faso, Guiné e Mali, e das cidades de Biamkouma e Gagoúne.

-As máscaras e o povo lhes gritam: “Amigos!” –diz Kané, o chefe da tribo, com um sorriso.

As mulheres, todas de branco, riem inspiradas e felizes. Elas dançam ao ritmo de tambores e canções. Algumas carregam seus bebês nas costas.

Uma *máscara* de palafitas simboliza um animal da floresta. Dá saltos gigantescos. Crianças se lançam ao ar com grande destreza física.

Ressoam tambores e cantos. A alegria é imensa. A energia convida os estrangeiros a bailarem. Possuídos.







PARA SABER E CONTAR

A MORTE

Os *Guéré* acreditam na reencarnação. Sejam eles animistas, cristãos ou muçulmanos, quando alguém morre, colocam-no no chão o mais rápido possível, mas deve ser pela manhã. Se a pessoa morre à noite, o rito começa ao amanhecer. Para não perder o sobrenome, o próximo filho da família ficará com o seu nome. Quando é um sábio respeitado que morre, uma grande festa é realizada na tribo. Os velhos marcam o tempo.

Os que têm mais dinheiro colocam os mortos em uma cova de concreto, na entrada de cidades e vilas. Os membros da família vão lá para se lembrar dele. Não é bem visto que estranhos parem nas sepulturas.



OS ANIMAIS

–Havia muitos elefantes neste país até recentemente – diz Ismael, um motorista de Abidjã–. Mas com a Guerra Civil (2002-2011) eles ficaram tão assustados com as bombas e tiros que fugiram para Burkina Faso.

Prisca não viu muitos animais na Costa do Marfim: apenas javalis, porcos, cães, macacos, cabras, galinhas e alguns cavalos. Há macacos nas árvores perto de Man, esperando que as pessoas apareçam para lhes dar bananas.

Hoje é muito difícil ver um elefante na paisagem. Mas existem reservas naturais onde são protegidos (embora a caça clandestina continue). Há outros animais que Prisca gostaria de conhecer: leões, girafas, rinocerontes, hipopótamos, chimpanzés, zebras, búfalos, crocodilos...



5 ÉTOILES D'AFRIQUE

NO. 1

Riz Indien
Riz Parboilé 5%
Poids Net 25 Kg.
Origine : Inde





ABIDJÃ

23 milhões de pessoas vivem na Costa do Marfim, e Abidjan é a cidade mais importante. É no Golfo da Guiné, de onde se originou o comércio de marfim e escravos na Colônia. Hoje saem na via aérea cheios de cacau.

Apenas 50% da população sabe ler e a expectativa de vida não ultrapassa os 50 anos. A diversidade étnica e cultural do território é enorme e se manifesta na convivência de 65 línguas e 60 grupos étnicos: Mandinga, Volta, Kru, Akán, Kwa, Baoulé, Guéré (a etnia de Prisca) e outros.



Prisca não conhece Abidjã, mas pai e irmão lhe contaram: querem que estude aqui.

Quando chegaram, os colonizadores franceses ficaram no litoral: em Grand Bassan. Um museu mostra a escravidão em preto e branco.

Hoje, vendedores de Mali e pescadores de Gana compartilham um lugar em praias com palmeiras e areia clara. A 30 quilômetros de distância, Abidjan mostra cores e sabores em seus mercados.

O reggae marfinense alegre e otimista é tocado na música de fundo. A escritora Marguerite Abouet mostra Abidjan com sua personagem *Aya de Yopougon*, famosa história em quadrinhos com desenhos de *Clément Oubrière*.







IAMUSSUCRO

Iamussucro, capital administrativa desde 1983, é uma cidade um tanto fantasmagórica, um pouco incolor, e em um país tão colorido quanto a Costa do Marfim. O primeiro presidente após o Independente (Félix Houphouët Boigny) construiu um palácio e uma lagoa com crocodilos. Mas o mais impressionante é uma réplica da Basílica de São Pedro em Roma, no meio da África. É a maior – é o maior templo cristão do mundo!

Com colunas gigantes e piso de mármore, seus vitrais são os maiores do mundo e nessa janela há uma *Última Ceia* onde Cristo divide uma mesa com apóstolos de rostos conhecidos: um deles é o presidente que encomendou a obra, outros, os arquitetos e construtores franceses.

A primeira missa foi feita pelo Papa João Paulo II.



COMER EM FAMÍLIA

Nas aldeias come-se nos “maquis”, locais de comida típica. De acordo com as diferentes etnias, os pratos são diversos. Os molhos (*sauc es*) são os mais desejados. Este prato é um dos pratos preferidos da família.

MOIHO KIAKOU

Ingredientes

- 1 litro de água
- Peixe defumado e arenque (peixe Magni)
- Outra carne defumada à escolha
- Peixe seco e salgado
- Camarões
- Cogumelos secos de palma ou outros (cogumelos negros ou de cor amarela)
- 150 gramas de klakou
- Um tomate fresco
- Sal

Preparação

Limpe o peixe e a carne e deixe descansar. Mergulhe os cogumelos, camarões e pimentões em água quente. Leve a água para ferver em uma panela, adicione a carne e ferva por mais 15 minutos.

Adicione peixe, cogumelos e camarão. Adicione sal. Tampe e continue fervendo.

Enquanto isso, triture os pimentões e meia cebola. Adicione à panela a massa obtida, o peixe seco

e o tomate. Espere 30 minutos e retire o tomate.

Em uma panela, torra o kaklou fresco. Moa o kaklou, acrescente o molho para obter uma pasta lisa.

Remova com cuidado tudo o que está no molho (peixe, carne) para deixar apenas o líquido. Adicione o kaklou moído e misture o molho com um batedor. Uma vez bem misturado,

adicione o que foi retirado do molho e misture delicadamente. Cozinhe por 15 minutos... e pronto.











SiDiKi

FOTOGRAFIAS

Álvaro Hoppe

páginas 6, 11, 15, 21, 22, 24, 26, 27, 29, 30, 39, 40, 43, 44, 45, 51, 55, 57, 67, 68, 71, 73, 74, 75, 83, 84-85, 87, 88, 89.

Thibaud Monnier

páginas 8, 10, 13, 17, 19, 32, 35, 37, 41, 46, 47, 59, 61, 64, 69, 86 y portada.

Marcelo Mendoza

páginas 31, 49, 53, 63, 77, 79, 80, 81, 90.

Este livro foi editado por **Ediciones de la JUNJI**.

A família de fontes Century Gothic foi usada para títulos e textos. No interior foi usado papel couché de 130 g, impresso em 4 tintas, e para as capas, papel couché de 350 g, impresso em 4 tintas.



Direção editorial Marcelo Mendoza

Edição Rosario Ferrer

Design Fernando Hermosilla / Macarena Balcells

Produção Pilar Araya

Ediciones de la JUNJI é o resultado do compromisso do Junta Nacional de Jardins de Infância de gerar conhecimento, criatividade e inovação na educação e na infância, e assim promover novos meios de aprendizagem e debate construtivo.

ISBN 978-956-8947-97-0



6811347870

A série **MENINOS E MENINAS DO MUNDO** coleta a diversidade e semelhança da infância e conta, com sua própria visão e voz, a vida delas e deles.

Relatos e fotografias que visibilizam aos meninos e meninas desde seus cotidianos, culturas e territórios, antes invisíveis, para compartilhar em casas, jardins de infância e escolas, com crianças e famílias de todos os lugares da Terra.

